

FACULDADE DOCTUM DE PEDAGOGIA DA SERRA

ARIELY CORRÊA FLEGLER AMARAL

FABIANA ALEXANDRINA DIAS DA SILVA

NAIARA DA SILVA DAUD

**INCLUSÃO DA CRIANÇA COM AUTISMO NA ESCOLA: REFLEXÕES SOBRE AS
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**

Serra

2017

ARIELY CORRÊA FLEGLER AMARAL
FABIANA ALEXANDRINA DIAS DA SILVA
NAIARA DA SILVA DAUD

**INCLUSÃO DA CRIANÇA COM AUTISMO NA ESCOLA: REFLEXÕES SOBRE AS
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido
à Faculdade Doctum de Pedagogia da Serra
como requisito parcial para obtenção do
título de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr^a Vasti Gonçalves de
Paula

Serra

2017

ARIELY CORRÊA FLEGLER AMARAL
FABIANA ALEXANDRINA DIAS DA SILVA
NAIARA DA SILVA DAUD

**INCLUSÃO DA CRIANÇA COM AUTISMO NA ESCOLA: REFLEXÕES
SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**

Artigo Científico apresentado à Faculdade Doctum de Pedagogia da Serra como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Aprovada em ____/____/____ pela banca composta pelos professores:

ORIENTADORA Prof.^a Dr^a Vasti Gonçalves de Paula

EXAMINADORA Prof.^a Ms^a Maria das Dores Santos Silva

EXAMINADORA Prof.^aMs^a Verónica Devens Costa

RESUMO

O presente estudo tem como objetivos identificar como a criança com autismo vem sendo incluída em uma escola de ensino fundamental no município de Vitória-ES; identificar as possibilidades e os desafios encontrados pelos professores no que diz respeito ao ensino e verificar como ocorrem as interações sociais entre a criança com e sem autismo no ambiente escolar. A pesquisa é de natureza qualitativa, do tipo estudo de caso e partiu de observações, com registros em diário de campo em momentos diversos como sala de aula, biblioteca, sala de informática, pátio, entre outros e aplicação de questionários e entrevistas com os professores regentes e familiares do aluno pesquisado. Os principais autores com os quais dialogamos foram Vasques (2008); Coco (2012); Chiote (2011); Correa (2012), entre outros. Dentre os resultados da pesquisa destacamos que a falta de formação dos docentes voltada para o tema do autismo ainda persiste como maior causa da fragilidade das ações pedagógicas na escola. Mesmo assim é possível observar que muitos são os benefícios da inclusão no ambiente escolar, sobretudo no crescimento e desenvolvimento social da criança.

Palavras-chave: Autismo, Inclusão, prática pedagógica

1 INTRODUÇÃO

Nosso trabalho está direcionado para o âmbito da Educação Especial, relacionado a inclusão da criança com autismo no ambiente escolar.

A inclusão das crianças com necessidades especiais no ensino fundamental é uma prática relativamente recente e, talvez por isso, alguns profissionais ainda não tenham se apropriado de conhecimentos para se desenvolver nesses trabalhos pedagógicos para esse público.

Enquanto futuras professoras, motivadas pelas questões da educação especial, pretendemos, com esta investigação, apontar vantagens para o uso dessas práticas inclusivas na escola. Desejamos, com isso, chamar a atenção de alguns profissionais da

educação que ainda estejam passivos e renitentes em considerar à implementação da inclusão nas suas práticas.

O autismo é uma síndrome do Transtorno do Espectro Autista (TEA). É um transtorno de desenvolvimento que geralmente é identificado a partir dos três primeiros anos de vida, onde compromete as habilidades de interação social e comunicação.

O autismo é uma síndrome que reúne vários tipos de transtornos que vão desde o autismo não verbal até o altamente verbal. É importante entender e compreender os diferentes tipos, características em comum e as diferenças. As causas do autismo ainda são desconhecidas, seus sintomas podem variar muito, tornando o diagnóstico muito complexo. Acredita-se que são quadros de resultados da combinação de diferentes genes.

Entendemos que os desafios são grandes e o alto índice de diagnóstico de autismo entre crianças vem crescendo a cada dia. Segundo pesquisas do governo dos Estados Unidos os casos de autismo subiram para 1 em cada 68 crianças. Os dados são referentes a 2010 e foram divulgados em 2014. Houve aumento de quase 30% em relação aos dados anteriores, de 2008. No Brasil, Segundo Coco (2016, p.28), “[...] o aumento dos estudos no campo da educação e a defesa dos direitos humanos, vem modificando conceitos, legislações, práticas pedagógicas e de gestão, promovendo a reestruturação do ensino comum e especial.”

Para contextualizar nosso problema de investigação, nos apropriaremos da reflexão de Vasques, (2008, p.429).

[...] Com a problemática já apresentada nos surgiu a indagação “O que teria a escola a oferecer para tais crianças? Essas meninas e meninos que rodopiam pelas salas, que não falam, mas apenas murmuram, poderiam ler? Escrever? Fazer contas? Dessas crianças de cristal, o que se pode esperar? Como investir em quem parece não apreender”. A repetitiva dúvida frente à possibilidade de escolarização é originária de uma complexa rede de elementos. Alguns fatores que contribuem para tal situação: a

ausência de informações sobre quem são estas crianças e adolescentes; os poucos e recentes estudos; as dificuldades de interlocução entre as diferentes áreas que se ocupam da temática; a ausência de uma sistematização do conhecimento por parte do campo pedagógico; e, finalmente, a tendência de perceber a diferença como falha ou déficit a ser corrigido, normalizado.

Entender o autismo é crucial para que professores e a escola possam se organizar para melhor atender as crianças que são identificadas. Considerando os desafios que estão postos a escola, e a necessidade desses profissionais se preparem para propor um ambiente acolhedor e, sobretudo promotor de aprendizagens, é que nos propomos a investigar no conjunto da escola como acontecem esses caminhos para a inclusão de uma criança com autismo.

Nessa medida, partindo desses pressupostos, indagamos: **como são organizadas as práticas pedagógicas voltadas à inclusão de crianças com autismo na escola?**

O presente estudo tem como objetivos identificar como a criança com autismo vem sendo incluída em uma escola de ensino fundamental no município de Vitória-ES; identificar as possibilidades e os desafios encontrados pelos professores no que diz respeito ao ensino e verificar como ocorrem as interações sociais entre a criança com e sem autismo no ambiente escolar.

2 BREVE REVISÃO DE LITERATURA

Nesse tópico vamos expor três estudos que tratam da temática autismo no contexto da escola. O primeiro estudo é o de Coco, (2012) em nível de mestrado realizado na UFES. O objetivo foi analisar a metodologia de como os alunos com autismo estavam desenvolvendo a escrita e a leitura. Foi realizada através de um estudo de caso, observando hábitos e costumes, e desenvolvendo um trabalho colaborativo.

A coleta de dados foi por meio de registros de diário de campo, laudos, observações, entrevistas com pessoas que fazem parte do cotidiano do aluno, fotos, vídeos e registros que foram arquivados na escola. Coco (2012) tem como base, as análises dos

pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural dos dados de Vigotski e contribuições de colaboradores, em especial nas construções elaboradas sobre o papel da linguagem e na construção desses sujeitos.

A autora observou, após a análise dos dados, uma melhor compreensão da forma de inserção da criança nos diferentes espaços da escola e os processos de adaptação foram se estabelecendo com os anos. Sendo assim, a contribuição dos profissionais da escola, assim como o planejamento e as ações pedagógicas em coletivo é fundamental para a compreensão e significação da criança (COCO, 2012, p.8).

Em sua pesquisa concluiu que o percurso para a escolarização da criança especial passa por vários caminhos, onde mudanças levam à permanência ou saída da criança com autismo no ensino. Observou-se que durante um curto tempo as mudanças não foram efetivas, com isso juntaram-se com o intuito de envolver o aluno no meio escolar, construindo uma escola para todos. (COCO, 2012, p. 30,31).

Para a autora, as mudanças partem do fazer pedagógico. Considerando as peculiaridades do aluno com autismo foi possível indagar o que sabemos sobre o seu conceito e, assim, podendo formular uma abordagem ressaltando a aprendizagem e desenvolvimento.

Através dessas indagações pode-se ver que essa deficiência não se volta para si, mas para as relações sociais, deixando o comportamento básico reforçado da criança com autismo, como não conseguir se comunicar, expressar, externar, interagir, com essa mudança para o olhar sobre o autismo ainda não foi possível solucionar a problemática de inclusão, mas pode mostrar para os profissionais envolvidos sobre as diversas alternativas e possibilidades sobre a prática pedagógica voltadas para o autismo, que antes era feita somente com situações rotineiras. (COSTA, 2007).

Dentro de sua pesquisa, a autora conclui que rotinas duras e limitadas empobrecem o desenvolvimento da criança, ela relata que é importante “entendermos que a escolarização dos alunos deve passar por experiências de aprendizagem”, onde pode

acontecer uma interação entre aluno e professor, e professor e aluno assim podem entender o aluno, através disso podemos questionar até que ponto pode-se ajudar e quais os pontos positivos. A inclusão da criança com autismo está relacionada ao desempenho do papel da mediação pedagógica, colocando sentido de ampliar essa visão cultural.

O segundo estudo é Chiote (2011), em nível de mestrado realizado na UFES. O objetivo da pesquisa foi de analisar o papel da mediação pedagógica na inclusão da criança com autismo, compreendendo a mediação como processo de significação e constituição dessa criança na educação infantil, favorecendo a apropriação de práticas culturais historicamente delimitadas nesse espaço, no desenvolvimento da consciência de si e do outro.

A autora parte da problemática de como compreender e investir na mediação pedagógica como processo, considerando cada caso, respeitando os sentidos e significados a respeito das práticas culturais historicamente delimitadas nesse espaço, analisando as formas das ações do professor e das outras crianças orientando as regulamentações com as crianças com autismo, potencializando a uma nova forma de olhar sobre a criança com autismo na educação.

A metodologia usada por Chiote (2011) foi adequada aos objetivos que pretendia com a investigação, diante da importância em pesquisar a inclusão de crianças com autismo no contexto da educação infantil, procurando nas produções acadêmico-científicas, as contribuições de estudos que nos últimos anos apontassem caminhos para a escolarização dessas crianças.

O espaço de investigação foi um centro de educação infantil, chamado ¹NEES onde foi identificado duas crianças com necessidades educacionais especiais, (uma com

¹**NEES** - Núcleo de Excelência em Tecnologias Sociais. É um grupo de pesquisa vinculado ao Instituto de Computação da Universidade Federal de Alagoas, que tem por objetivo pesquisar e desenvolver soluções.

síndrome de Down, outra com características de autismo), seus professores e colegas. Ao adentrar o espaço escolar, a autora observou as professoras angustiadas por não saberem o que fazer com seus alunos especiais. Contudo, estavam conscientes de que algo deveria ser feito, os alunos precisavam se desenvolver, mas como? As professoras não se consideravam preparadas para trabalhar com essas crianças, não tiveram formação e desconheciam as especificidades dos seus alunos. (CHIOTE, 2011, p. 30).

Observamos duas bases teóricas no estudo de Chiote (2011) onde esses estudos apontam: as 25 psicanálises (VASQUES, 2003, 2008) e a perspectiva histórico-cultural (MARTINS, 2009; GOMIDE, 2009; FREITAS, 2001; CRUZ, 2009), que compreendem a constituição da criança com autismo como um processo de significação das/nas relações que são possibilitadas com o meio social e cultural.

Com um olhar ampliado sobre as produções acadêmicas acerca do autismo e psicoses infantis, Vasques (2008) realizou um estudo no qual analisa as produções acadêmico-científicas (teses e dissertações) produzidas nos Programas Brasileiros de Pós-Graduação, entre 1978 e 2006, que evidenciassem o lugar conferido à escola e à escolarização para esses sujeitos. A autora analisou 43 pesquisas produzidas pelos Programas Brasileiros de Pós-Graduação em Educação, sendo possível perceber a complexidade da temática, com múltiplas interpretações, numa pluralidade de perspectivas. (CHIOTE, 2011, p.24).

Dentre os principais resultados podemos verificar a mudança do olhar para a criança com autismo, percebendo-a como sujeito, bem como suas formas, percebendo como professoras de uma criança com autismo na educação infantil, foram se constituindo conforme era realizado o movimento de inserir essa criança em seu grupo para que ela se percebesse e se organizasse a partir da vivência coletiva nos diferentes tempos e espaços.

O terceiro estudo é o de Correa (2012), em nível de mestrado realizado na UFES. A autora tem como objetivo analisar o caminho para a inclusão e refletir sobre o mundo

peculiar infantil, a autora parte desse ponto pois acredita que a criança autista tem a percepção de entender e construir um novo mundo, pois são seres humanos completos, e tem a capacidade de ser o personagem da sua própria história. A pesquisa se baseia em conhecer a infância da criança que tem a síndrome, analisando os métodos pedagógicos desenvolvidos com a criança, indagando e desencadeando as peculiaridades do processo de inclusão. (CORREA, 2012, p.16).

A pesquisa nos traz a responsabilidade de assumir, orientar, e mediar as questões políticas pedagógicas, onde, como profissionais da educação possamos refletir a cada dia, a relação com todos os sujeitos envolvidos na escola e com a família, visando uma amplitude no processo de formação. É nesse sentido que a autora promove um desafio de garantir a estadia da criança na escola com qualidade. (CORREA, 2012, p.16).

De acordo com a autora, atualmente o entendimento da inclusão está na política educacional, intercedendo pela introdução desses alunos no ensino regular, as evidências no processo de formatizar se revela ser muito mais complexo, mas para se fixar pode-se se basear nas leis. A autora cita Mittler (2003, p. 25) que fala o processo de inclusão como reforma da reestruturação da escola, que tem como objetivo garantir o acesso a todas as oportunidades sociais e educacionais que a escola oferece.

Com isso podemos rever o conceito de inclusão, pois ela depende também de valores e da sociedade, com um novo olhar padronizando o que não se efetivam somente com as técnicas.

A autora parte da problemática das razões que impossibilitam a prática de incluir o aluno com autismo na escola, ela cita valores e concepções, formação continuada dos profissionais da educação, organização social, e prioridades públicas. (CORREA, 2012, p.20).

Trazemos ainda estudo de Vasques (2008) que parte da problemática do autismo visando um olhar novo sobre sua inclusão educacional. Com sua pesquisa, procurou contribuir para a construção de um novo olhar sobre os sujeitos e suas possibilidades de olhares

diferenciados para a educação, descrevendo que, em seu "primeiro gesto de Leitura" primou por mapear "as diversas áreas envolvidas e a singularidade do debate instituído".

A pesquisa de Vasques (2008) tem como ponto de partida a descoberta de títulos e autores, alcançando vários territórios diferentes, com bases de bibliografia virtuais abrangendo o tema. Em segundo momento da pesquisa ela tratou de cruzar os conteúdos indagando as relações de atendimento na escola, assim como inclusão, traçando todos os estudos que tinha o objetivo de compreender ou de revelar algum conteúdo. O terceiro momento ela teve acesso ao desenvolvimento motor, tais como: letra, traços, pistas, procurou endereços completos da maioria das regiões, também se orientou com bibliotecários e autores. (VASQUES, 2008, p. 431).

Um dos principais autores que Vasques se baseou foi Baptista(2002), pois ele realiza suas pesquisas de inclusão como um elo que mantém várias perceptivas, onde busca conferir qualidade de um modo geral, envolvendo uma forma de proporcionar um atendimento apropriado para pessoas com necessidades especiais.

Concluimos a partir da leitura das quatro pesquisas que, dentre os principais resultados verificou-se que a educação é a ferramenta "terapêutica" para melhor atender as crianças, apostando no encontro do conjunto escolar e na história de uma criança com autismo em um processo positivo de inclusão, abordando as representações dos familiares que também fazem parte desse tratamento. Nesse sentido, concordamos com Vasques (2008), quando escreve que:

[...]. Procurando refletir sobre a formação de professores para o atendimento pedagógico e a escolarização de alunos com autismo infantil, as pesquisas descrevem programas de formação continuada. Uma delas baseou-se na Teoria da Modificabilidade Cognitiva Estrutural desenvolvida por Feuerstein. A outra teve por objeto o desenvolvimento de uma postura crítica reflexiva por parte dos professores, através da apropriação de conhecimentos, incluindo desde conteúdos e estratégias didáticas para atender alunos nessas condições, até competências de atuação consideradas mais específicas. Ambas destacam a

importância dos processos de formação para a escolarização desse aluno. (VASQUES, 2008, p. 438-439).

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A palavra “autismo” vem de origem grega “autos”, que significa “voltar para si mesmo”. A primeira pessoa a utilizar foi o psiquiatra Eugen Bleuler para se referir a um dos critérios adotados em sua época para a realização de um diagnóstico de esquizofrenia.

Em 1944, Hans Asperger, um pediatra austríaco com interesse em educação especial, descreveu quatro crianças que tinham dificuldade em se integrar socialmente em grupos. Desconhecendo a descrição de Kanner do autismo infantil precoce publicado só um ano antes, Asperger denominou a condição por ele descrita como “psicopatia autística”, indicando um transtorno estável de personalidade marcado pelo isolamento social. KANNER, (1997).

Apesar de ter as habilidades intelectuais preservadas, as crianças apresentaram uma notável pobreza na comunicação não-verbal, que envolvia tanto gestos como tom afetivo de voz, empatia pobre e uma tendência a intelectualizar as emoções, uma inclinação a ter uma fala prolixa, em monólogo e às vezes incoerente, uma linguagem tendendo ao formalismo (ele os denominou “pequenos professores”), interesses que ocupavam totalmente o foco da atenção envolvendo tópicos não-usuais que dominavam sua conversação, e coordenação motora.

Ao contrário dos pacientes de Kanner, essas crianças não eram tão retraídas ou alheias elas também desenvolviam, às vezes precocemente, uma linguagem altamente correta do ponto de vista gramatical e não poderiam, de fato, ser diagnosticadas nos primeiros anos de vida. (KANNER, 1997, p.111-170).

Para Klin (2006) o Autismo é uma denominação que atualmente é melhor explicada pelas nomenclaturas Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD) ou Transtorno do

Espectro do Autismo (TEA), que indicam uma ampla variação na sintomatologia, onde se inclui um tripé de características: dificuldade de comunicação, de interação social, e interesse e atividades restritas, estereotipados e repetitivos. Dentro do quadro do autismo, existem vários graus de comprometimento dos sintomas, tornando mais ou menos severa a situação do portador desta síndrome. Dentre os graus de severidade, propõe-se um indivíduo de comprometimento maior, outro intermediário e o terceiro com comprometimento mais discreto.

Para Bosa (2002) O autismo é uma condição permanente, a criança nasce autista e torna-se um adulto autista. A autora escreve que poucas patologias do desenvolvimento suscitaram tanto interesse e controvérsias quanto o autismo, e ainda há vários aspectos que permanecem obscuros quanto a esse tema. Sendo assim, podemos concluir que, a abordagem não é a única que é totalmente positiva em todas as crianças durante todo o tempo.

Bosa nos mostra que, ao contrário, argumentamos que as famílias modificam suas expectativas e valores com relação ao tratamento de seus filhos de acordo com a fase de desenvolvimento da criança e do contexto familiar. (BOSA, 2006, p.52).

Muitas vezes ausência de respostas das crianças deve-se a falta de compreensão do que está sendo exigido e não de uma atitude de isolamento e recusa proposital. A continua falta de compreensão do que se passa ao redor, aliada à escassa oportunidade de interagir com crianças “normais” é que conduziria ao isolamento, criando, assim, um círculo vicioso. (BAPTISTA; BOSA, 2002, p.32).

A autora parte da problemática da importância de envolver a família no tratamento da criança com autismo visando suas necessidades, e nas intervenções para estreitar a mais apropriada.

Dando sequência a esse raciocínio, defende-se que a metodologia utilizada pela autora intervém pôr várias abordagens, onde alguns autores defendem que o planejamento deve ser um todo, estruturado com as diversas etapas da vida da criança com autismo. Considerando que, com crianças menores deve ter um olhar maior com o

desenvolvimento da fala, interagir no meio social e relação com a família. Já na fase da adolescência seria necessário trabalhar as habilidades sociais, terapia ocupacional e desenvolvimento da sexualidade. No cenário adulto, propõe-se a desenvolver as questões como opções de moradia.

Dentre os principais resultados podemos ver que ainda são raros os diagnósticos durante os anos iniciais de pré-escola, sabemos que o trabalho de intervenção precoce é o melhor caminho para o desenvolvimento da criança com autismo. Infelizmente isso não acontece por falta de conhecimento sobre o desenvolvimento natural da criança, levando em consideração a comunicação verbal e com isso a perda nas habilidades sociais.

Muitas vezes os pais e os profissionais se preocupam mais pelo atraso no desenvolvimento da fala do que no comportamento social.

Sabemos que diagnosticar o TEA não é tão simples, o profissional poder ter dificuldades em distinguir uma criança autista e uma criança com dificuldade de fala e aprendizagens.

O programa ²TEACCH com seus estudos mostra a importância de organizar o ambiente, onde se trabalhe com contato visual e com as habilidades previstas da criança, assim tirando o olhar de tentar superar a falta de habilidade da criança com autismo.

4 O CAMINHO PARA A INCLUSÃO

O alto índice de diagnóstico de autismo entre crianças vem crescendo a cada dia, segundo pesquisas do governo dos estados unidos os casos de autismo subiram para 1 em cada 68 crianças. Os dados são referentes a 2010 e foram divulgados em 2014.

²TEACCH é a sigla adotada por um projeto de saúde pública e disponível na Carolina do Norte, EUA, que oferece serviços voltados para pessoas com autismo e outros transtornos do espectro do autismo e suas famílias.

Houve aumento de quase 30% em relação aos dados anteriores, de 2008. Segundo Coco (2016, p.28), “[...] o aumento dos estudos no campo da educação e a defesa dos direitos humanos, vem modificando conceitos, legislações, práticas pedagógicas e de gestão, promovendo a reestruturação do ensino comum e especial. ”

4.1 O AUTISMO HOJE

O autismo hoje rompe barreiras e dá um passo para a inclusão com o amparo da lei nº. 12.764/12 (Lei Berenice Piana), que instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, no seu art. 1º, §2º, deixou claro que o indivíduo diagnosticado no espectro autista é considerado pessoa com deficiência, para todos os efeitos legais.

A autora Coco (2016) em seu livro aborda o estudo de VASQUES (2003) reafirmando as possibilidades de escolarização da criança com psicose e autismo infantil, sem desconsiderar ou minimizar as dificuldades e desafios no atendimento e na escolarização dessas crianças. Ressalta, em todo o trabalho, a aposta nas educabilidades de enfrentar os desafios e elaborar processos educativos, contribuindo, assim: “[...] para a construção de um novo olhar acerca desses sujeitos, trincando, rompendo e interrogando conceitos marcados pela ineducabilidade e pela impossibilidade”. (VASQUES,2003, p.144).

Com o objetivo de ilustrar esse ponto, ressaltamos esse novo olhar como base fundamental para romper com conceitos que possam vir a interferir no processo de inclusão.

5 METODOLOGIA

A presente pesquisa é de natureza qualitativa, considerando que os dados que coletamos se relacionam com os modos e formas de inclusão da criança com autismo no contexto da escola regular.

Com o objetivo da pesquisa qualitativa, segundo Neves (1996) o interesse da pesquisa se torna mais ampla e avaliativa, realizando parte dela para obter dados descritos e dando mediação entre o pesquisador e o objeto de estudo.

A pesquisa foi realizada em uma EMEF localizada no município de Vitória, pertencente à Rede Municipal de Ensino. Escolhemos uma escola onde há crianças com autismo para realizarmos observações e entrevistas com os profissionais que atuam com elas. Especificamente nessa escola identificamos um aluno com nove anos, matriculado no 4º ano, aqui denominado de ³“Peter”.

A escola pesquisada foi escolhida em função de ser referência em inclusão de aluno especial. Nossa intenção em buscar conhecer esse espaço de atendimento especializado foi para melhor compreender sobre as práticas pedagógicas especializadas naquele espaço, e assim podermos dialogar sobre a importância desse espaço e até mesmo problematizar se ele ainda é necessário, como espaço complementar e favorecedor dos processos de inclusão das crianças com autismo na escola regular.

Como instrumentos de coleta de dados utilizamos a observação do aluno com autismo em sua interação social no espaço escolar, entrevistas com os profissionais que atuam no espaço pesquisado que já tiveram a oportunidade de trabalhar ou ainda trabalham com crianças com autismo, buscando refletir sobre as práticas pedagógicas, assim como os pais das crianças para a construção dessa pesquisa.

6 ESTUDO DE CASO

Entender as características da criança com autismo é de suma importância, seu histórico e suas relações entre o aprendizado. Para nosso estudo, usamos o procedimento de

³PETER aqui denominado é o nome fictício da criança com autismo usado em nossas pesquisas.

observação, registro no diário de campo, entrevistas e questionários, para assim, conseguir identificar o perfil do aluno, não interferindo em sua rotina, ou seja:

[...] o pesquisador toma contato com a comunidade, grupo ou realidade estudada, mas sem integrar-se a ela: permanece de fora. Presencia o fato, mas não participa dele; não se deixa envolver pelas situações; faz mais o papel de espectador. Isso, porém, não quer dizer que a observação não seja consciente, dirigida, ordenada para um fim determinado. O procedimento tem caráter sistemático. (MARCONI E LAKATOS, 2003, p. 193).

O sujeito observado foi um aluno com autismo de nove anos de idade que está no 4º ano do ensino fundamental, aqui denominado como Peter, nome fictício para preservação de sua identidade.

Em nossa pesquisa os sujeitos secundários foram as professoras regentes, a equipe da educação especial, pedagoga, diretora, coordenadores, todos que fazem parte da vivência escolar do aluno.

Também consideramos sujeitos secundários todas as crianças que fazem parte deste campo de análise. Cabe esclarecer que estas não foram questionadas ou entrevistadas, mas foi considerada a observação feita entre as mesmas com o sujeito de pesquisa. Como ponto de partida fomos para campo, observamos o sujeito, e as formas como são abordadas a inclusão do mesmo em sala de aula. Realizamos diversos procedimentos, no qual citaremos no desenvolver desse tópico.

Nossa primeira etapa foi estruturada em organizar as documentações arquivadas pela escola, onde aborda o conhecimento central de toda vida escolar da criança, com a autorização escrita da escola.

A segunda etapa traz a observação em campo, nesse contexto, visamos a liberdade dada aos envolvidos no processo de inclusão em falar sobre os assuntos relacionados ao nosso tema, sem sair do foco, assim consideramos também a interpretação sobre o sujeito na prática do desenvolvimento, optamos por ser terceiros em suas práticas pedagógicas assim no diário de bordo.

O pesquisador organiza um conjunto de questões (roteiro) sobre o tema que está sendo estudado, mas permite, e às vezes até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal. (GERHARDT et al, 2009, p. 72).

Nossa entrevista foi elaborada através de nossas indagações por já termos estagiado com crianças TDA, e nos vermos perdidas, sem ter resposta de como incluir a criança em sala de aula, sem ver avanço no seu desenvolvimento, optamos por realizar essa forma de pesquisa para não interferir na rotina escolar do aluno. Desta forma, nos possibilitou conhecer e entender mais sobre a vivência escolar do sujeito.

Em terceiro momento da nossa pesquisa, realizamos entrevistas com as professoras regentes, professoras da educação especial, estagiária, professores de educação física, arte e pedagoga. As entrevistas foram aleatórias, através de áudios, que contribuíram para o objetivo da pesquisa. Estão cientes que seus nomes não serão publicados.

Após essas etapas consideramos, portanto, as premissas apontadas nesta pesquisa, onde verificamos que nossos objetivos foram alcançados, podendo debater o tudo que envolve o processo de inclusão. Todos os colaboradores desta pesquisa serão identificados com suas devidas funções, assim como: Mãe, pai, professoras regentes I e II, professora da Educação especial, estagiária e alunos, no qual achamos fundamental a participação deles, somente o aluno especial terá nome fictício, aqui denominado como PETER.

A escolha de realizar a pesquisa nesta escola surgiu do vínculo afetivo que criamos junto a escola, por já ter estagiado (remunerado) no período de um ano na mesma. Voltamos a escola para termos um novo olhar sobre a inclusão, agora devidamente orientada. Nossa pesquisa durou cerca de 2 meses, início de abril ao final de maio, acontecendo aleatoriamente as visitas previamente agendadas.

7 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Os dados aqui apresentados e discutidos resultam de nossas observações na escola e dos conteúdos das entrevistas realizadas com quatro professoras considerando nosso problema central de estudo e objetivos propostos.

Para tanto organizamos esses dados em quatro categorias, a saber: *Quem é Peter? Práticas pedagógicas da escola com a criança com autismo; Desafios e possibilidades de inclusão da criança; quanto às interações das crianças com e sem autismo no contexto da escola.*

a) Quem é Peter?

Peter³ tem nove anos, é uma criança calma e tem avançado de forma significativa em todas as áreas, o aluno desenvolveu grande autonomia desde que chegou nesta escola, o trabalho consistente na parceria entre equipe pedagógica, professores, equipe da educação especial e estagiária.

O estudante desenvolveu autonomia de se deslocar sozinho nos espaços da escola, por exemplo: ir ao banheiro sozinho, entender os comandos, como pegar material na mochila e livros nas estantes da sala.

No decorrer dos desenvolvimentos Peter tem boa aceitação de si, o que ocorre também com a turma em relação com convívio com os alunos, nos conteúdos de cálculo ainda é preciso trabalhar com o aluno com materiais concretos. Os conteúdos de língua portuguesa ele desenvolve bem, as aulas de educação física o aluno tem uma participação múltipla, participando das atividades, o que não significa inclusão.

Quanto à oralidade Peter avançou significativamente, mostrando liberdade de expressão nos discursos, em sala e nas rodas de conversa, tendo dificuldade em transcrever, o aluno já acerta a prática de letra cursiva, o que antes tinha grande resistência.

Percebemos os maiores avanços na oralidade, comunicação, interação e socialização com o ambiente no qual está sendo inserido.

b) Sobre as práticas pedagógicas da escola com Peter

As práticas pedagógicas se desdobram no sentido de entender a necessidade de atuação do professor com o aluno, pois é fundamental que o professor esteja apto a descobrir suas reais dificuldades e necessidades, podendo interferir quando preciso.

Com relação à prática de desenvolver a comunicação do aluno, se teve um bom desenvolvimento, tanto expressiva, como receptiva. Pode-se observar que o aluno tem muita dificuldade de concentração, desviando a todo o momento a sua atenção e precisando sempre da intervenção da estagiária. Contudo, observamos que isso refletiu em seu comportamento, tendo assim um grande avanço. Pode se dizer em linhas, que o aluno já consegue diferenciar funcionários e os alunos da escola, com a prática de intervenção da estagiária.

Uma das práticas utilizadas pela professora é a aula de biblioteca, onde percebemos que o aluno se interessa muito por livros de história de dinossauros, répteis e heróis, desenvolvendo assim sua prática de leitura e alfabetização. Pode se afirmar, segundo a estagiária que, o aluno tinha grande dificuldade com letra cursiva, foi feito então um alfabeto móvel de letras cursivas e solicitado aos pais um caderno de caligrafia, junto com o desempenho da estagiária essa prática teve um grande avanço.

A estagiária nos relatou que Peter tem muita dificuldade em matemática, sendo assim, em conjunto com a professora, elas utilizam a prática do material dourado e ábaco, amenizando assim; suas dificuldades na sequência lógica; associar quantidade/numeral; a realizar operações; e a manter os conhecimentos adquiridos para identificar símbolos; (igual, diferente, maior, menor, mais e menos), foi desenvolvido um trabalho com o aluno para reconhecimento monetário, e o aluno teve boa aceitação com essa prática, em decorrência desse processo a professora elaborou uma aula dentro de um supermercado para que as crianças identificassem valores dos produtos, desta forma o

aluno conseguiu identificar preços de mercadorias. Peter ainda não consegue identificar números antecessores e sucessores, e também número par ou ímpar, nesse contexto a professora está planejando uma nova prática pedagógica para ser trabalhada.

Peter³ tem dificuldade em manusear o lápis, por isso, sua psicóloga orientou o uso do lápis triangular gigante, devido à má escrita e dores no punho, com isso aprimorou sua escrita, as professoras estão trabalhando a coordenação motora do aluno para manuseio da tesoura, cola, entre outros materiais.

c) Quanto aos desafios e possibilidades de inclusão da criança

Com nossa pesquisa de campo, observamos que a escola tem abordagens facilitadoras, como estagiários, cuidadores, professores da educação especial e salas de recursos, mas podemos concluir que não é suficiente para receber a criança especial, concluímos que, para a escola se qualificar é necessário mudar a visão com as práticas usadas para o aluno com autismo.

Entendemos que, se caso o profissional/professor tivesse uma qualificação específica para esse aluno, abordaria melhor a prática de inclusão, entendendo que a inclusão não é o aluno que se adapta a escola, e sim, a escola transforma-se para recebê-lo.

Peter tem comportamentos como, por exemplo: girar, rodar, balançar a cabeça, gesticular as mãos, por isso tem dificuldades de se adaptar em sala, pois os alunos de sua turma não sabem de suas particularidades, com isso dificulta o processo de inclusão.

Afetividade e motivação são essenciais para a inclusão de Peter, pois o mesmo é bem desenvolvido, gosta de se comunicar dentro de suas limitações, e isso tem um reflexo positivo na inclusão. Para a professora de Matemática, “O relacionamento tanto com a turma, quanto comigo, é amigável e a turma o respeita e nunca discrimina sua participação, quando aleatoriamente ele participa em conjunto com todos os alunos”. (Prof.^a DE MATEMÁTICA, 2017).

Também, sobre o aluno, a professora de Português diz que “O aluno em questão é carinhoso, quieto, dócil, calmo, de fácil convívio, apresentando características próprias do autista, que é viver em seu próprio mundo, sem interagir com os colegas, mas receptivo quando procurado”.(Prof.^a DE PORTUGUÊS, 2017).

Podemos observar que é fundamental a afetividade entre professor e aluno, assim o caminho para a prática de inclusão se torna mais acessível, as professoras de Peter promovem essa diferença no aprendizado, aceitando e promovendo a cooperação dos colegas da turma com ele, sendo aceito e incentivado pelos próprios amigos.

d) Quanto às interações das crianças com e sem autismo no contexto da escola

A criança com autismo tem alterações no comportamento e na interação social. No caso de Peter observamos uma dificuldade quanto a sua compreensão acerca das regras das brincadeiras, que são pouco interpretadas e compreendidas.

A brincadeira criada por ele envolve um mundo mais solitário e objetos com movimentos repetitivos, nós percebemos isso nas aulas de brinquedoteca. Em relação ao brincar, Peter tem dificuldades de formar amizades com os demais alunos, contudo tem uma boa interação com eles.

Segundo o professor de Educação Física “O aluno é amável com seus colegas e comigo. Às vezes, não responde aos estímulos externos, nas aulas de educação física”. (Prof. DE ED. FÍSICA, 2017).

Concluimos quanto ao processo de interação de Peter que a inclusão não é matricular um aluno na escola comum e dizer que ele está sendo incluído, e sim saber lidar com as diferenças, respeitando seu momento, seu espaço, saber lidar com suas emoções, e aprender com o mesmo. A escola só se torna inclusiva a partir do momento que reconhece a diversidade, que se dispõe a fazer o melhor pelo seu aluno, seja ele

especial ou não, a escola é feita para todos. É fazer valer a eficiência pedagógica que cabe aos alunos.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo refletir sobre caminhos que contribuíssem para o aprimoramento das reflexões sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas para a inclusão de um aluno com autismo. Buscando primeiramente saber o que é o autismo, os desafios que são encontrados, como o autismo pode ser compreendido nos dias atuais. Sabemos que ainda existem muitas barreiras a serem vencidas dentro do ambiente escolar para que a inclusão possa de fato existir, mas para isso é preciso entender e compreender o autismo como um todo. Para isso, foram apresentados no decorrer deste projeto fatores baseados em estudos científicos, fatores esses importantes para o processo de inclusão e compreensão do autismo, que possibilitam o entendimento mais detalhado sobre esse transtorno e suas especificidades.

Nesse mesmo contexto percebemos que as práticas pedagógicas são fundamentais para o avanço do aluno com autismo. Mesmo sabendo que, a formação para os profissionais da educação, de certa forma ainda seja defasada para o preparo de se trabalhar com crianças com esse transtorno.

Portanto, nosso trabalho conclui-se que a permanência desse aluno no ambiente escolar é de extrema importância para seu desenvolvimento pessoal e social. Sempre com o olhar atento voltado para esses sujeitos. A fim de intervir de forma necessária para sua inclusão. Fazendo com que seja crescente sua participação no desenvolvimento da escola.

ABSTRACT

The present study aims to identify how the child with autism has been included in a primary school in the city of Vitória-ES; To identify the possibilities and challenges

encountered by teachers regarding teaching and to verify how social interactions occur between the child with and without autism in the school environment. The research is qualitative in nature, from the case study type and started from observations, with records in field diary at different moments such as classroom, library, computer room, and patio, among others and application of questionnaires and interviews with teachers, Regents and relatives of the student researched. The main authors with whom we spoke were Vasques (2008); Coco (2012); Chiote (2011); Correa (2012), among others. Among the results of the research, we emphasize that the lack of teacher training on the subject of autism still persists as a major cause of the fragility of pedagogical actions in school. Even so, it is possible to observe that many are the benefits of inclusion in the school environment, especially in the growth and social development of the child.

Keywords: Inclusion, pedagogical reflection, Teachers

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, C. R., VASQUES, C. K., & RUBLESCKI, A. F. (2003). Educação e transtornos globais do desenvolvimento: em busca de possibilidades. *Correio da APPOA*, 114, 31-36.

CHIOTE, F. A. B. A mediação pedagógica na inclusão da criança com autismo na educação infantil. 2011. 188 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.

BOSA, C.A., *Autismo: intervenções psicoeducacionais*. (2006). Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre (RS), Brasil

COCO, E. C. S *Entre linhas e letras de Rafael: estudo sobre a escolarização de uma criança com autismo no ensino comum*. 2012. 191 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do

Espírito Santo, Vitória, 2012. SAVIANI, D. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. Campinas: Autores Associados, 2008.

VASQUES, C. K., Alice na biblioteca mágica: uma leitura sobre o diagnóstico e a escolarização de crianças com autismo infantil.2008. 195 f. Tese (doutorado) - realizado na UFRS, faculdade de Educação, programa de Pós-Graduação em Educação, 2008, Porto Alegre, BR-RS.

VASQUES, C. K., Cartografia de um olhar... sobre a escolarização de sujeitos com autismo e psicose infantil.2008 ATOS DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO – PPGE/ME FURB ISSN 1809– 0354 v. 3, nº 3, p. 428-441, set. /dez. 2008

CORREA, H.C, A inclusão da criança com autismo em uma escola de educação infantil 2012 186.f Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.

ANEXO I

ROTEIRO DE PESQUISA

- 1) Qual a melhor forma e como se pode fazer para estimular o desenvolvimento social e educativo da criança com autismo?
- 2) Qual a importância da participação da família no processo de inclusão da criança com autismo no ambiente escolar e na sociedade?
- 3) Como profissional de educação você se sente apta/preparada para receber um aluno com autismo em sua sala de aula?
- 4) Você acredita que o ambiente escolar não qualificado para ao aluno com autismo pode retardar seu aprendizado?
- 5) Quais são as práticas pedagógicas e quais métodos são usados pela escola e professores para inclusão desse aluno no ambiente escolar?
- 6) Qual o maior desafio da escola hoje diante da inclusão desse aluno?

ORIENTADORA

Prof.^a Dr.^a Vasti Gonçalves de Paula Correia

